



# GUIÕES DE LEITURA & ESCRITA

## DO CONTO AO PONTO DE VISTA

Ideias para trabalhar diferentes pontos de vista a partir da leitura

### DA INTRODUÇÃO AO LIVRO "RAZÕES PARA LER - VOLTANDO A FALAR DE METÁFORAS"

Ouvir contar histórias e lê-las produz efeitos muito específicos no nosso consciente: ligamo-nos à trama, intuímos como vai continuar, ligamo-nos às ações das personagens e temos opiniões sobre como se comportam. Contudo, a nível inconsciente, o efeito de uma história é bem mais profundo: sem esforço, nem consciência, ligamo-nos às personagens, colamo-nos às suas decisões e pensamentos, vamos acompanhando todo o processo e guardamo-lo.



Quando as histórias são metafóricas, transportam muita informação e despertam várias emoções, que serão trabalhadas pelo consciente e pelo inconsciente. Mostram-nos comportamentos, princípios de vida, desvendam atitudes que mudam percursos, produzem efeitos iniciáticos em áreas tão sensíveis como o medo e a injustiça, a gratidão e a empatia. Desta forma, quem ouve ou lê faz um paralelo com a sua vida e guarda o importante. (...)

Por tudo isto, não podemos deixar de alertar para o perigo da interpretação consciente ou, pior ainda, da busca da moral da história. Não é verbalizando os ensinamentos que o conto se torna mais eficaz, nada disso. As metáforas, plenas de sentidos e interpretações variadas, individuais e secretas, terão vidas diferentes em cada uma das crianças e adultos. Não será possível resumir (ou diminuir!) a uma única interpretação a história em questão. (...)

Quando contamos histórias, precisamos de ter coragem para não falar sobre elas. Isso iria quase de certeza reduzir a história a uma única interpretação. A melhor estratégia será distrair a audiência do que ouviu, para que o inconsciente faça o seu trabalho. Falar na história deveria acontecer num momento posterior, de preferência quando a criança o pede, mas o ponto essencial é não dar a sua interpretação; surgirão muitas diferentes e, nesse segundo momento, podemos enriquecer o mundo de todos comparando essas várias interpretações. Compensa ter esta coragem.

Depois de feito este primeiro aviso, vamos então aproveitar as metáforas contidas nestes livros para trabalharmos diferentes pontos de vista das personagens.



O que são **pontos de vista**? São formas de interpretar o mesmo acontecimento, utilizando para isso diferentes personagens, estejam elas dentro ou fora da cena relatada. São olhares diferentes e em contexto distintos, os de cada um.

Vamos a um exemplo concreto. Imaginemos esta cena: duas mulheres discutem de forma acesa; uma delas encontrou um recado escrito pela outra na secretaria do chefe, onde se lia que a primeira chega sempre atrasada (o que é mentira); não adiantam as justificações da segunda, o mal está feito; a primeira atira o papel para o chão e vira costas à segunda, afastando-se em passos vigorosos e irritados; a segunda senta-se, desesperada, apanha o papel do chão e esconde a cara entre as mãos.

Imaginemos agora que quem conta isto é a **primeira**: «Estou capaz de a desfazer! Bem me parecia que o chefe andava a desconfiar de mim. Esta lambisgoia, dissimulada, faz tudo para sobressair, nem que seja para impressionar o chefe. Digo-lhe o que penso e deixo-a ali. Amanhã saberá que vai ser despedida!»

E se for a **segunda** mulher, será mais assim: «Mas será que não me ouve? O papel não é sobre ela, nunca lhe faria isso, sempre achei que éramos amigas. As minhas palavras caem por terra, nem quer saber o que digo. Ameaças atrás de ameaças. Vai-se embora. O papel no chão. Vou guardá-lo, pode ser que ainda possa parar o despedimento. O que lhe passou pela cabeça?»

E se for **o chefe** de ambas, poderá ser assim: «Lá estão as duas engalfinhadas. Desde que entrou aquela nova, tem sido um inferno. É muito mais trabalhadora, a outra não aguenta. Depois, o papel. Nem sei o que fazer. Só sei que não vou despedir ninguém. Amanhã se verá.»

Mas podíamos ir mais longe, e ouvir a cena relatada por **alguém que nem sequer ouve o que dizem**, que apenas vê o comportamento: que dirá essa quarta personagem? É isto que se chama trabalhar pontos de vista. Os exemplos que aqui deixámos são mais adultos, mas este trabalho pode ser feito desde muito cedo.

É isto que se chama trabalhar pontos de vista. Os exemplos que aqui deixámos são mais adultos, mas este trabalho pode ser feito desde muito cedo.

Deixamos-vos duas histórias magníficas para trabalhar os pontos de vista, do livro **Razões para Ler - Voltando a falar de metáforas**:

**1 Pipo, de Rosário P. Ribeiro;**

**2 Camané Leão, de Isabel Peixeiro.**

O que podemos abordar com as histórias? Os pontos de vista...

**1** No conto **Pipo**, temos um brinquedo já abandonado pelo seu dono que de repente se vê em viagem, acabando nas mãos de uma criança que, provavelmente, nunca teve um brinquedo;

**a.** A narração fala-nos do Pipo, na 3.<sup>a</sup> pessoa, e como seria contada na 1.<sup>a</sup> pessoa?

**b.** O que sentirá esta segunda criança acerca daquele brinquedo?

**c.** Que sente o adulto que transportou o brinquedo?

**d.** E que sentirá alguém que não sabe a história do brinquedo, mas que assiste ao momento em que a segunda criança o agarra?

**2** No conto **Camané Leão**, temos um camaleão que quer imitar os macacos para ficar bem-visto no grupo. Por isso, imita-os, fazendo coisas perigosas, às vezes desagradáveis, e por fim atraiçoando uma grande amiga;

**a.** A narração, também na 3.<sup>a</sup> pessoa, conta o que aconteceu, mas podemos ouvi-la dentro da cabeça do camaleão;

**b.** Como se sentirá um dos macacos, o que mais o incitou para que os imitasse?

**c.** Como se sentirá outro macaco, que não gosta do que está a acontecer?

**d.** E como se sentirá a grande amiga, ao ser gozada?

Neste exercício, **escrevendo na 1.<sup>a</sup> pessoa**, teremos de afinar a escrita de acordo com as características da personagem, imaginar como pensa, fala, age. Duas personagens diferentes nunca contarão a mesma cena, nem a interpretarão da mesma maneira, e isso é muito poderoso ao escrever.

Para além do magnífico exercício de escrita, este é um exercício de cidadania, de humanidade. Calçar os sapatos de outro, ver pelos olhos de outro, sentir o que outro sente: os pilares da empatia, da compaixão. Para nós, este é um exercício essencial no nosso trabalho, complementando a escrita com o facto de sermos pessoas, agindo com pessoas, vivendo e sonhando, trabalhando com outros.

Aceitam o desafio?